



PREFÁCIO

*Ela acreditava em anjo e,
porque acreditava,
eles existiam.*

(Clarice Lispector)

Maio, 2007

Ainda estou com o coração disparado. Não sei se pela adrenalina causada pelo susto ao ver o veículo vindo ao meu encontro, ou se pela buzina escandalosa a me chamar a atenção. Talvez pelos dois motivos. O susto visual e o auditivo.

Não sei bem ao certo se estou fisicamente machucada, mas percebo que algo não está tão bem quando vislumbro meu sapato esquerdo embaixo do veículo do motorista que me atropelou e que agora está vindo correndo e nervoso ao meu encontro.

Estou com vergonha por ter atravessado a rua em um ponto tão próximo da esquina. Mas ele também está, por ter cortado o ônibus que seguia em frente e virado repentinamente, surgindo de surpresa em minha direção. Na verdade, só consigo pensar no quanto estava apressada quando tudo ocorreu.

Conversamos amigavelmente e eu lhe digo que estou bem e que não há com o que se preocupar. Ele insiste em me levar ao hospital, para ver se está tudo realmente bem. Eu apenas caí no chão, ele mal encostou o veículo em mim, e eu não paro de pensar na aula dos meus filhos, prestes a acabar.

Sinceramente, não consigo deixar de pensar que preciso buscá-los na aula de natação, para almoçarmos juntos, e depois levá-los à escola. Acho que nem posso me dar ao luxo de ir ao hospital para ver por que minha cabeça lateja tanto e meu pé esquerdo, recém-calçado com o sapato que havia caído na rua (na verdade, o que era antes um sapato...), dói igualmente.

Se eu ligar para meu ex-marido, terei a infeliz experiência de ouvir, pela milésima vez, a frase: “Você já sabe a resposta, sabe que não posso buscar as crianças?”. Ele a utiliza sempre que lhe pergunto se pode buscar as crianças na natação, dar almoço, levar à escola, dar banho, observar a agenda escolar, o material na mochila etc. Consigo visualizá-lo perfeitamente fechando os olhos e balançando negativamente a cabeça ao me responder com o jargão tão próprio dele, sua marca. Ele nunca podia, nem quando estávamos casados. Nunca quis estar disponível. Muito menos agora.

O meu querido pai não está tão bem de saúde para eu ligar para ele e lhe pedir que faça toda esta via-crúcis com as crianças. Se ligasse, eu também estaria infringindo uma de minhas regras principais de vida e educação de filhos: avós são para dar amor, diversão e cuidar um pouquinho dos netos, sem abuso por parte dos pais. Hoje não seria abuso pedir a ele esse favor para ir ao hospital, mas, primeiramente, ele poderia ter um infarto se eu lhe dissesse que fui meio... um pouco atropelada (se é que se existem meios atropelamentos...). Por outro lado, não tenho como telefonar para ele, porque está no sítio e não conseguiria chegar à escola em cinco minutos, no horário em que meus filhos saem da piscina e no qual eu sempre estou presente para averiguar se tudo está bem e ajudá-los a tomarem a ducha. Três e quatro anos de idade. Precisam, sim, dos cuidados de um adulto – nesse caso, eu.

Minha irmã Vivian está em uma de suas viagens e não tem a mínima chance de me ajudar neste momento. Já a Paula, minha outra irmã, mãezona dos meus filhos... se morasse na mesma cidade que eu, dividiria comigo (e seria exigência dela!) todas, todas as tarefas que as crianças necessitam que nós, adultos, façamos por elas; mas está a cerca de 550 quilômetros de mim. E não só hoje, mas todos os dias desde que se mudou para acompanhar o Fernando, seu marido.

Apesar da distância, seus corações estão tão próximos do meu que quase posso senti-las e dissipar este sentimento ruim que me invade novamente. O sentimento de estar realmente só e nem poder me enfiar em um buraco, porque tenho dois lindos e maravilhosos filhos me esperando para levá-los para casa e cumprir, normalmente, a agenda do dia.

Não tenho tido muito tempo para mim, este é um luxo que, desde que decidi me separar de meu marido, não tenho mais. Por enquanto. Sei que isso passará e tudo se encaixará novamente, como o côncavo no convexo. Minha rotina encontrará o equilíbrio entre minhas necessidades e as das crianças, e tudo ficará bem novamente. Tenho certeza de que tudo vai dar certo. *A lógica do mundo não traça meu destino.* Não me canso de dizer isso a mim mesma, quase como um mantra, na tentativa de não me deixar esmorecer e desistir de ser feliz e de acreditar em todos os meus sonhos e projetos de vida. Isso me mantém acesa e viva.

Talvez seja exagero, mas sempre planejei casar-me com um parceiro. Eu e meu marido, uma equipe. O significado de equipe é desafiador e admirável. É um conjunto de duas ou mais pessoas que trabalham e se dedicam a uma mesma tarefa, unindo seus esforços em um só propósito. Os integrantes se ajudam mutuamente em prol de um bem maior, nesse caso, a família. Por outro lado, quando apenas um tem essa visão, o time inteiro padece e se torna um agrupamento de pessoas. Nesse agrupamento, quando um membro não tem a mesma energia proativa, o corpo todo sofre, e eu era o corpo.

Era assim que eu me via desde que escolhera o caminho da maternidade sem saber que entrava só. Por isso eu sofria tanto. Eu não programara estar sempre sozinha com os meus filhos, sempre dependendo da companhia de minhas irmãs, meu pai ou algumas amigas. Eu sempre buscara um relacionamento em que eu e meu marido fôssemos suficientes, e os familiares fossem importantes não para suprir a ausência de um ou outro, mas para somar ao que já estaria completo. Melhorar o que já deveria ser muito bom, excelente. Mas em meu casamento não havia sido assim, e tudo piorara desde que as crianças nasceram. Meus amigos e familiares tornaram-se peças imprescindíveis para aplacar minha constante solidão. Isso não estava nos meus planos.

Em meio ao barulho dos carros, ônibus, motos etc., no ápice da cacofonia musical em que estou mergulhada, tento discernir a voz do motorista, enquanto surge outro barulho repentino. Meu celular. Inicialmente, diante do caos em que me encontro, nem cogito procurá-lo na bolsa. Quem será? Não quero falar com ninguém. Mas e se for alguém que possa me ajudar nesse momento, me dar algum conselho? Talvez seja bom... Diante da insistência do toque mudo de ideia e o ato de procurá-lo aumenta conforme se acumula a quantidade de toques persistentes. Intensifico uma procura frenética, decidida a encontrá-lo, procuro em um canto da bolsa, na *nécessaire*, nos bolsos, no zíper de fora e, finalmente, encontro-o.

Não acredito! É o Rogério me ligando pela primeira vez. Conhecemo-nos há três semanas, quando ele abriu uma filial do seu escritório de advocacia no mesmo prédio onde funciona minha escola de música e esbarrou comigo no corredor, deixando minha flauta doce cair e me convidando para um café como forma de se desculpar. Temos nos falado desde então e ele tem se tornado uma boa companhia nas horas noturnas quando estou em minha escola, aguardando o último aluno ir embora para fechá-la, horário em que ele também está em seu escritório.

Penso e repenso se vou atender. Sei que me dará um bom dia inspirador e me alegrará com suas gentilezas. Mas acho que não quero nenhum tipo de inspiração. Hoje não. Não agora, enquanto olho para o taxista que me observa com olhos cheios de interrogação. Mas o que será que ele quer me dizer?

Quando por fim decido atender, é tarde. Os sons outrora tão perseverantes se foram e tudo o que encontro a minha frente é um sorriso engasgado do taxista, à espera de alguma resolução. Com certeza ele está deixando de ganhar dinheiro, ali parado comigo.

Tento disfarçar minha decepção por não ter atendido ao chamado do Rogério ou por ele ter ligado em uma hora tão inoportuna. Percebendo o olhar curioso do taxista, despeço-me de um homem meio assustado com minha postura tão amigável, em um mundo onde quase tudo caminha em busca de processos e indenizações, e vou ao encontro dos meus filhos no clube de natação. Na verdade, vou meio querendo que meu carro voe.

Quando cheguei os encontrei já fora da água e sozinhos, sem terem passado na ducha, vestindo seus roupões. Diante de olhares interrogativos, mas silenciosos por meu atraso nada habitual, beijamo-nos e nos abraçamos como sempre fazemos quando nos encontramos.

Mas hoje meu abraço teve um quê de diferente, foi secretamente mais demorado e mais apaixonado. E, enquanto sentia seus cabelos molhados em meu rosto, fechei meus olhos e agradei a Deus por estar ali, com eles, sem nenhum dano, inteira, pelo menos fisicamente. Agradei a Deus por poder cuidar dos meus filhos e não decepcioná-los nem desampará-los, sumindo repentinamente do planeta e os deixando à deriva.

Eu já fiquei à deriva.

E isso foi há muito tempo...

*C**P* *arte* 1



CAPÍTULO 1



Sou a terceira filha de três irmãs mulheres.

Como vim ao mundo? Bem, como minha mãe já havia perdido seu primeiro e único filho homem de aborto natural e conseguira, posteriormente, ter duas filhas, ela estava em um hospital com o propósito de marcar uma cirurgia para não ter mais filhos...

E lá estavam ela, meu pai, seu médico e enfermeiras, realizando os exames para agendarem o procedimento cirúrgico, quando seu médico, surpreso, lhe disse: não poderemos operá-la!

– Como não poderá me operar? Já conversamos muito sobre isso, inclusive com Jorge, meu marido. Já temos duas filhas, uma com dois anos e a menor com quatro meses, e estamos muito felizes com elas. Realizados. É normal um casal planejar apenas dois filhos, meu Deus! Mas... Por que o senhor não pode me operar?!

– Não poderei operar a senhora porque simplesmente a senhora está grávida!

E foi assim, em meio a muito susto, que minha mãe soube que eu estava a caminho.

Quando eu nasci, dizem que as pessoas não acreditavam no que contemplavam: um bebê lindo, com ar feliz, quase sorridente, com imensos olhos azuis. Minha mãe, quando me viu, inspirada pela cena gloriosa – um bebê que a tocou profundamente e que ela nem planejara ter –, deu-me o nome de Vitória e escreveu um anagrama em minha homenagem para descrever um pouco a imensa satisfação e alegria daquele momento.

Comentavam que eu era linda, especial, e que a vida sempre sorriria para mim.

A meu respeito, as pessoas diziam:

- Essa menina é meiga!
- Essa menina é uma bonequinha!
- Essa menina é um amor, um doce!
- Ah, essa menina é um sucesso!

E eu cresci assim, ao som de palavras tão otimistas, positivas e abençoadas que formavam uma harmonia perfeita, como uma orquestra sinfônica em que cada naipe de instrumentos executa sua parte precisa e pontualmente. As cordas (violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, harpas) em conformidade com as madeiras (flautas, flautins, oboés, clarinetes, clarinete baixo, fagotes, contrafagotes, corne-inglês), os metais (trompetes, trombones, trompas, tubas) com os instrumentos de percussão (túmpanos, triângulos, caixas, bombo, pratos, carrilhão sinfônico etc.), com os instrumentos de teclas (piano, cravo, órgão) e seus respectivos solistas, em uma sucessão crescente de excelência. Estupendo! Bravo! Magnífico!

Consigo ouvir a execução perfeita, linda! Os instrumentos obedecendo à hierarquia implicitamente aceita e designada entre os grupos instrumentais, em que cada secção provê um solista e todos fluem harmoniosamente, subordinados unicamente àquele que conduz a orquestra: o maestro. Eu, a maestrina, conduzindo as doces e otimistas palavras a meu favor, fazendo a execução harmoniosamente perfeita de todas as promessas de vitórias depositadas sobre mim, compondo a grande sinfonia da minha vida!

Se você me perguntar se foi fácil, não precisarei refletir para responder: não, não foi fácil. Mas, se alguém me perguntar a que eu vim, também não terei dúvida ao responder, a quem interessar, que eu vim aqui para vencer, brilhar e viver a vida com intensidade. Buscar sempre crescer e me tornar melhor a cada situação vivida, desfrutando todas as experiências e revertendo as aparentemente difíceis, inclusive as decididamente mais cruéis, a meu favor.